

IGREJA E INCULTURAÇÃO

Mons. Dr. Roberto Mascarenhas Roxo

A Inculturação é provavelmente o mais importante problema da Igreja após o *Concílio Vaticano II*. No discurso inaugural da *Conferência Episcopal de Santo Domingo, João Paulo II*, citando *Paulo VI*, afirma que *"a ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também em outras épocas"*¹. Em outro discurso dizia que o processo de inculturação é *"centro, meio e objetivo da Nova Evangelização"*². A grande opção final da Conferência de Santo Domingo foi *"a evangelização inculturada"*³.

1. OS TERMOS

Para encaminhamento do problema, é oportuno definir os termos em questão: **Cultura e Inculturação**.

a) **Cultura**, lembra bem João Paulo II no citado discurso inaugural, é o *"ethos"* de um povo, suas atitudes vitais, suas instituições, suas estruturas⁴. Vale dizer, é a personalidade consciente e inconsciente de um grupo social, seu modo de ser, pensar, agir; o conjunto de seus valores e de suas tradições. É a expressão histórica que um povo assume.

b) **Inculturação** é a encarnação com a conseqüente simbiose, da Igreja, da fé, do Evangelho, da Liturgia, na pluralidade das culturas de sorte a fazê-las cristãs sem tirar-lhes a autenticidade. Adverte bem *J. B. Libânio* que *"a pluralidade cultural vai pedir tematizações teológicas diferentes, liturgias próprias, organizações eclesiais diversas, superando todo o colonialismo cultural e religioso"*⁵. Projetando-se no

1. Disc. Inaug. nº 22.

2. Disc. ao Cons. Int. Cat. em 26/9/92.

3. Concl. S. Domingo nº 292.

4. Disc. Inaug. nº 20.

5. Concl. S. Domingo. Prefácio.

tema da Inculturação, a Igreja renuncia definitivamente à sua identificação exclusivista com determinada cultura, aceitando assumir culturas diversificadas para com elas se identificar.

2. A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DO PLURALISMO CULTURAL

O mundo antigo e medieval (a Antigüidade) teve como ideal de perfeição a unidade política, social, religiosa. Três exemplos marcantes o comprovam. *Alexandre Magno* tornou-se o "hegemon" líder dos gregos para transformar o mundo inteiro numa grande Grécia; e o conseguiu em grande parte, universalizando a língua grega. A "Pax Romana" de *Augusto* universalizou depois a cultura romana com a consciência de realizar o momento central da história humana. *Carlos Magno*, seus sucessores e a própria Igreja instauraram a Idade Média como cristandade, i.é, ideal de unidade política social e religiosa. Mais do que maldade, a inquisição foi uma triste defesa desta unidade. O mundo antigo e medieval, por sua mentalidade, não tinha como valorizar o pluralismo cultural.

A valorização do pluralismo cultural principia na Modernidade, a partir do antropocentrismo. O surgimento dos burgueses marca a ascensão política e social de homens que valem por si, que por si mesmos se fizeram ricos e poderosos, em oposição aos homens que nasceram importantes pela unidade

do sangue nobre comum. O Renascimento é a glorificação do homem nas artes. *Descartes* inaugura uma síntese intelectual centralizada no homem: "*Eu penso, logo eu existo*". E logo as Filosofias Políticas, como Maquiavel e sobretudo *T. Hobbes* põem o homem como causa e fim das sociedades. Assim *R. Bacon, Locke, Campanella, Hume, Rousseau*, etc. O Antropocentrismo gera a Democracia e a Democracia é intrinsecamente aceitação e valorização do pluralismo cultural. Chega-se logo ao pós-moderno caracterizado pelo pluralismo cultural.

As fronteiras geográficas cedem lugar à prevalência das culturas como definição dos povos. A União Soviética se desfez em "culturas" ou etnias. A ex-Iugoslávia negocia fronteiras entre Sérvios, Croatas, Bósnios, Eslovenos... mas não aceita negociar culturas. A cultura torna-se a Nova Pátria, tanto de grandes povos como de minorias. É um bem radical e inegociável. As ciências humanas também descobrem o valor da cultura. A Psicologia, a partir de *Freud*, pensa mais no homem personificado pela cultura do que estereotipado ontologicamente. A Antropologia Cultural, abordando o riquíssimo fenômeno religioso, afiança e comprova que todas as religiões são fenômenos culturais.

3. A CONSCIÊNCIA ECLESIAL DO PLURALISMO CULTURAL

A Igreja por levar a sério as suas tradições, mesmo humanas,

relutou a princípio em renunciar ao ideal de unidade e aceitar o antropocentrismo moderno e o pluralismo que ele significa. Mas lentamente se abriu à realidade das culturas diversas que, a partir dos descobrimentos, desafiaram a evangelização. Desde *Leão XIII* assumiu a missão de defender o homem mais fraco, o trabalhador, na chamada Questão Social. Tornou-se "*Mater et Magistra*" na defesa dos direitos humanos tanto dos indivíduos quanto das minorias. *Paulo VI*, no seu discurso na ONU, pôde afirmar ser a Igreja "*perita em humanidade*". E de, tal modo a defesa dos mais fracos, das minorias, e da justiça impregnou a consciência eclesial que se tornou "*Doutrina Social*", i.é, inserida no âmbito da fé.

A Igreja vai mais longe. Nas viagens de *Paulo VI* e *João Paulo II*, foi ao encontro das mais diversificadas culturas. Abre mão de seu passado europeu a fim de evangelizar culturas inegociáveis e afirma sem mais a possibilidade de muitas culturas cristãs.

4. A REFLEXÃO DA FÉ

A Igreja relê seu mandato missionário: "*Fazei que todas as nações se tornem discípulos*"⁶, sabendo que hoje, mais do que definidas por fronteiras, as nações são

culturas e as culturas são nações. É nesse sentido que professa com *João Paulo II*: "*Toda evangelização há de ser inculturação do Evangelho. Assim toda cultura pode chegar a ser cristã, ou seja, a fazer referência a Cristo e inspirar-se nele e em sua mensagem*"⁷. Foi dentro desta lógica de fé, que "*a evangelização inculturada*" tornou-se a proposta principal em Santo Domingo⁸.

Há três principais fundamentos teológicos para a inculturação:

1. A Encarnação. O Filho de Deus, transcendência divina, "encarnou-se" numa cultura determinada, assumiu-a totalmente e dela fez seu rosto humano, a expressão perene do Evangelho, a primeira veste nupcial de sua Igreja. Foi o "*Jesus de Nazaré*" que reuniu doze judeus e inaugurou sua Igreja na tradição de Israel.

2. O Pentecostes. Ao entrar, resuscitado, na transcendência divina, o Senhor rompe, por seu Espírito, as fronteiras das nações. O dom das línguas, resposta à Torre de Babel, é profundamente expressivo da inserção de todas as culturas na unidade do Espírito, como Paulo reconhece: "*Não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo em todos*"⁹.

6. Mt. 28,19.

7. Concl. S. Domingo nº 13.

8. Concl. S. Domingo nº 292.

9. Col. 3,11.

3. A **Catolicidade**. Muito mais do que uma universalização geográfica que outras religiões também possuem, a catolicidade eclesial é a unidade no Senhor, na fé, no Evangelho, das mais diversificadas culturas.

5. A INCULTURAÇÃO

A) A INCULTURAÇÃO NA IGREJA

O Novo Catecismo tem uma bela apresentação das Igrejas Particulares como a Igreja inculturada: As Igrejas Particulares são a mesma e única Igreja Universal *"enquanto lança raízes na variedade dos terrenos culturais, sociais, humanos, assumindo em cada parte do mundo, fisionomias e expressões exteriores diversas"*¹⁰. Nas conclusões de Santo Domingo vem expresso o desejo de *"promover nos povos indígenas seus valores culturais autóctones mediante uma inculturação da Igreja para atingir uma maior realização do Reino"*¹¹.

Não se trata de sacrificar o que é imutável porque procede de instituição divina e sim de adequar inúmeros elementos de sua estrutura humana às culturas variadas bem como assumir na própria instituição divina, valores dessas cul-

turas. Será necessário um sadio equilíbrio entre a centralização que garante os valores perenes e a descentralização que possibilita a encarnação cultural desses valores.

B) A INCULTURAÇÃO DA FÉ

A Conferência de Santo Domingo lembra aos teólogos que devem *"contribuir para a inculturação da fé e a evangelização das culturas"*¹². E propõe que os Catecismos a serem redigidos sejam *"ao mesmo tempo, caminho e fruto de um processo de inculturação da fé"*¹³.

Há três princípios fundamentais que devem nortear a inculturação da fé:

1. A distinção entre fórmula e mistério. O Novo Catecismo, citando a genial intuição de S. Tomás, adverte: *"Nós não cremos em algumas fórmulas, mas na realidade que elas exprimem e que a fé permite atingir. O ato de fé do crente não se fixa no enunciado mas atinge a realidade enunciada"*¹⁴. Assim os mistérios da fé, como são enunciados em fórmulas *"clássicas"* na cultura ocidental, podem ser enunciados também em fórmulas adequadas às culturas diversificadas.

2. A hierarquia de verdades que o Vaticano II salienta: *"Lembrem-se que existe uma ordem ou hie-*

*arquia de verdades na doutrina católica, já que o nexo delas com o fundamento da fé cristã é diverso"*¹⁵. Tal hierarquia deve ser aplicada na inculturação da fé com insistência nos valores fundamentais da Revelação, como fazem os Catecismos do episcopado alemão e do episcopado francês, em termos de inculturação na modernidade.

3. As conquistas da recente ciência antropológica, História Comparada das Religiões, mostram que existe um núcleo fundamental em todas as religiões sejam elas primitivas ou recentes. Com isso aparece clara a distinção entre Fé e Revelação. Certo que a fé pede expressões religiosas, busca encarnar-se numa síntese religiosa, mas se distingue da religião. Quer dizer, a mesma fé pode assumir diversidades religiosas. Ora, se a fé é dom de Deus no crente como resposta à revelação divina, a religião, embora animada pela fé e a seu serviço, é fenômeno intrinsecamente antropológico. A fé cristã assumiu por primeiro a formas religiosas judaicas; depois, a partir do século VII elaborou, a partir dos povos bárbaros convertidos, uma possante síntese religiosa que perdura até hoje. A mesma fé pode criar sínteses novas com as numerosas culturas existentes.

C) A INCULTURAÇÃO DO EVANGELHO

Paulo VI chamou o processo de inculturação do Evangelho, de *"centro, meio e objetivo da Nova Evangelização"*¹⁶. De fato, *"pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e simultaneamente introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe e renovando-as a partir de dentro"*¹⁷.

Há dois princípios básicos para a inculturação do Evangelho.

1. A distinção entre o que nas Escrituras constitui Revelação e o que, embora inspirado, não entra no âmbito da fé.

2. O direito de uma cultura ler os Evangelhos dentro de suas perspectivas próprias, deles tirando as mensagens adequadas. Como diz Jesus: *"Todo escriba que se tornou discípulo do Reino dos Céus é semelhante a um pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e velhas"*¹⁸. Na História da Igreja são inúmeras as sínteses diversificadas do Evangelho suscitadas pelo Espírito. A síntese de **Santo Agostinho** não é a mesma de **São Francisco de Assis**; e a de **São Francisco** não é a mesma de **Santo Inácio de Loyola**... E no entanto o Evangelho e a fé são os mesmos.

10. Cat. 835.

11. Concl. S. Domingo nº 248.

12. Concl. S. Domingo nº 33.

13. Concl. S. Domingo nº 49.

14. Cat. nº 170.

15. UR 11.

16. Cfr. Concl. S. Domingo nº 229.

17. Redempt. Missio, 52.

18. Mt. 13,52.

D) A INCULTURAÇÃO DA LITURGIA

O Novo Catecismo traz as fortes afirmações: *"A celebração da Liturgia deve corresponder ao gênio e à cultura dos diversos povos. A fim de que o mistério de Cristo seja revelado a todas as gentes para que obedçam à Fé, ele deve ser anunciado, celebrado e vivido em todas as culturas, de tal sorte que elas não sejam abolidas, mas recuperadas e levadas à perfeição graças a ele. A multidão dos filhos de Deus tem acesso ao Pai, para dar-lhe glória, em um só Espírito, com e por meio da própria cultura humana, assumida e transfigurada pelo Cristo"*¹⁹. E de forma categórica: *"Na Liturgia, e notadamente na dos sacramentos, há uma parte imutável porque de instituição divina, da qual a Igreja é guardiã, e há partes suscetíveis de mudança, que a Igreja tem o poder e por vezes o dever de adaptar às culturas dos povos recém-evangelizados"*²⁰. De fato, a Liturgia da missa, para citar a mais comum, é belíssima, profunda, teológica... porém, quase sempre alheia ao povo participante que não chega a compreender os inúmeros circunlóquios, as afirmações abstratas, as inúmeras tradições nela envolvidas.

19. Cat. nº 1204.

20. Cat. nº 1205.

21. Concl. S. Domingo nº 153.

22. Concl. S. Domingo nº 24.

6. AS CULTURAS

São inúmeras as culturas existentes no mundo. Com relação ao Brasil salientam-se:

a) A cultura moderna e pós-moderna com características marcantes que exigem respostas inculturas da Fé. Nela há o processo de secularização que *"sustenta legitimamente que as realidades materiais da natureza e do homem são em si boas e suas leis devem ser respeitadas e que a liberdade é para a auto-realização humana e é respeitada por Deus"*²¹. Nesta linha, a valorização do sexo, da ecologia, do lazer, a subordinação do matrimônio à auto-realização das pessoas com a conseqüente avalanche de divórcios, o progresso científico atingindo a própria fonte da vida, a perda do antigo sentimento de medo de Deus, substituído por uma confiança por vezes desabusada; a convicção da grandeza do homem. A Conferência de Santo Domingo pensa a evangelização como *"o conjunto de meios, ações e atitudes aptos para pôr o Evangelho em diálogo ativo com a modernidade e pós-moderno, seja para interpretá-los, seja para deixar-se interpelar por eles"*²².

b) A cultura urbana que além da modernidade é marcada por

notas características: a violência urbana, a marginalização dos párias sociais.

c) A cultura negra com inegáveis valores e que se vem afirmando no Brasil, à espera de uma inculturação tanto mais difícil quanto os cristãos brancos de *"cultura européia"*, inclusive no clero, relutam em permiti-la.

d) A cultura indígena remanescente no Brasil pedindo a inculturação nos seus valores autóctones.

e) A cultura européia, sobretudo no sul e sudeste do Brasil.

f) E pode-se falar ainda de cultura cabocla, nordestina; e inclusive, surge uma cultura de favela...

7. A IGREJA PARTICULAR, PRINCIPAL AGENTE DE INCULTURAÇÃO

O Novo Catecismo insiste que as Igrejas Particulares são a Igreja Universal inculturada: *"As várias tradições litúrgicas tiveram origem derivada da missão da Igreja. As Igrejas de uma determinada área geográfica e cultural foram levadas a celebrar o Mistério de Cristo com expressões particulares, culturalmente determinadas: na tradição do depósito da fé"*²³, *no simbolismo litúrgico, na organização da comunhão fraterna, na*

23. 2 Tim. 1,14.

24. Cat. nº 1202.

25. Concl. S. Domingo nº 5; Redempt. Missio, 54.

26. Concl. S. Domingo nº 230.

compreensão teológica dos mistérios e em várias formas de santidade. Deste modo, Cristo Luz e Salvação de todos os povos, é manifestado através da vida litúrgica de uma Igreja, ao povo e à cultura aos quais tal Igreja é enviada, e à qual se radica. A Igreja é católica: pode, portanto, integrar na sua unidade, purificando-as, todas as verdadeiras riquezas das culturas"²⁴.

Nas conclusões de Santo Domingo vem a mesma afirmação: *"A Igreja Particular, conforme o seu ser e a sua missão, por congregar o Povo de Deus de um lugar ou região, conhece de perto a vida, cultura, os problemas de seus integrantes e é chamada a gerar ali, com todas as suas forças, sob a ação do Espírito, a Nova Evangelização, a Promoção Humana, a Inculturação da Fé"*²⁵. Ainda: *"A tarefa da inculturação da fé é própria das Igrejas Particulares sob a direção dos seus pastores, com a participação de todo o Povo de Deus. Os critérios fundamentais neste processo são a sintonia com as exigências objetivas da fé e a abertura à comunhão com a Igreja Universal"*²⁶.

8. CONDIÇÕES E DIFICULDADES

Há uma condição fundamental para que a inculturação seja

possível e viável: o equilíbrio entre a centralização e a descentralização no governo eclesial. A centralização é necessária para garantia da própria fé e da comunhão eclesial. O processo de inculturação, mais arriscado e difícil do que parece, não pode ignorar a realidade do primado e necessita conferir com ele e seus organismos a segurança e autenticidade da inculturação. De outro lado, sem uma sadia descentralização em favor das Igrejas Particulares será impossível a inculturação²⁷.

Há duas grandes dificuldades para a inculturação. A primeira procede da própria seriedade da Igreja em preservar seus valores mesmo secundários e considerar como patrimônio o que foi acumulado em sua história. O "status quo" chega quase a identificar-se com a fé global. Torna-se difícil sacrificar alguns destes "velhos" valores e acolher outros que se apresentam como "novidades". Há uma ten-

dência em subordinar a missão de evangelizar ao "estabelecido", quando a inculturação pede o contrário, a subordinação do "estabelecido" à evangelização.

A segunda dificuldade é o despreparo do clero, indiscutivelmente o autor principal da inculturação. Preparado com toda seriedade para executar o que está prescrito e escrito. Ora, a inculturação, por ser processo existencial, ultrapassa o escrito, exigindo prudente e ampla criatividade, que não constitui o "forte" do clero. Torna-se imprescindível uma séria preparação teológico-litúrgica para que Bispos, Presbíteros e Diáconos se preparem para a inculturação.

Monsenhor Roberto Mascarenhas Roxo é Doutor em Teologia e História, e Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — FAI.

Endereço:

Av. Nazaré, 993
CEP 04263-100
Ipiranga — SP

27. Por vezes a centralização torna-se centralismo doentio, como no caso das fórmulas de consagração na tradução brasileira. "Isto é meu corpo que é entregue por vós", de acordo com todos os textos bíblicos, foram "corrigidas" por um sábio curial em "será entregue... e será derramado", em desacordo com todos os textos bíblicos. Um capricho em diâmetro oposto à inculturação.

O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (III)*

Pe. Dr. Beni dos Santos

Os Catecismos tradicionais, mesmo aqueles elaborados no clima de renovação e atualização proporcionado pelo Concílio Ecu-
mênico Vaticano II, concentram seus ensinamentos mais no polo dogmático (exposição das verdades da fé) e no polo moral, reservando pouco ou quase nenhum espaço para a vida litúrgica. A própria doutrina dos sacramentos é exposta sem referência ao contexto litúrgico. Neste ponto, sobretudo, o Catecismo da Igreja Católica é inovador.

Na segunda parte, antes de tratar dos sacramentos em particular, expõe, de modo didático, simples e, ao mesmo tempo, profundo, a doutrina da Igreja sobre a liturgia. De fato, "sem a liturgia — ensina

o Catecismo — a catequese ficaria reduzida a um ensinamento exterior, e a moral que dela provém seria "letra incapaz de dar a vida". A vida litúrgica é o "meio" no qual a Igreja expressa sua fé, desenvolve a vida nova dos discípulos de Jesus e alimenta a dimensão orante de toda a vida cristã. Assim, a consideração sobre a vida litúrgica precede logicamente a exposição sobre a oração, que se encontra na conclusão do Catecismo. Sem referência à liturgia, a oração individual ou em grupo pode cair em expressões subjetivistas ou reduzir-se a uma experiência religiosa privatizante. Por isso mesmo ensina a Constituição *Sacrossantum Concilium*, citada pelo Catecismo: "...a liturgia é o

* Continuação do Tema abordado nas Revistas anteriores n. 3 e n. 4.